

DINAMISMO SETORIAL E CRESCIMENTO DA RECEITA AGROPECUÁRIA PAULISTA NO QUINQUÊNIO 1999-2003¹

José Sidnei Gonçalves²

Paulo José Coelho³

Sueli Alves Moreira Souza⁴

1 - AGRONEGÓCIOS: principal setor econômico de economias continentais como a brasileira

A característica fundamental dos agronegócios é a de se constituírem no principal setor de economias continentais, irradiando o processo de desenvolvimento para amplos espaços geográficos. Tanto é assim que, na economia norte-americana, a mais industrializada do globo, esse setor representa mais de 38% da riqueza gerada e detém a principal base multiplicadora do emprego. Essa realidade de ocupação produtiva de amplo espaço geográfico, que formou um amplo mercado costa a costa, do Atlântico ao Pacífico, gerando a maior economia nacional do mundo, não pode ser entendida a partir das chaminés, mas do arado e do laço. Afinal, não é exatamente essa característica que se encontra no processo de ocupação do Meio Oeste e o Oeste dos Estados Unidos da América, imortalizada nos filmes de faroeste, cuja trama envolve lutas pelas terras entre índios, gado e lavouras. E as estradas de ferro cortavam terras para transportar o que serão produtos dessa agropecuária em expansão (GONÇALVES, 1999).

O que diferencia a economia norte-americana das demais economias agrárias é a realização de um processo de industrialização nos EUA em que o motor da interiorização e do alastramento da produção das fábricas é a multiplicação das agroindústrias. Para tal, uma imensa gama de serviços, inclusive públicos, como a pesquisa agropecuária e a extensão rural, foi implantada e expandida a partir de 1860. Não há

como explicar o desenvolvimento da economia norte-americana com base no estereótipo representado pelo “fordinho”, versão *standardizada* do automóvel. Não há menor dúvida de que os tratores de *John Deere* foram muito mais importantes para os Estados Unidos do que os carros de *Henry Ford*. Essa inversão de valores decorre somente da hegemonia política e, principalmente, cultural da cidade sobre o campo. Tal hegemonia, entretanto, esvaiu-se em si mesma pela urbanização do campo, sendo mesmo que, no momento atual, se redescobre valores tipicamente rurais e os internaliza nas cidades como a música *country* e, por que não, a qualidade de vida em contato rotineiro com a natureza.

Verificando-se com atenção exatamente esse processo de transformação capitalista, com as mediações peculiares que impedem a farsa de que a repetição histórica se caracteriza, irradia-se pela economia continental brasileira no seu desenvolvimento enquanto capitalismo tardio. Para entender essa argumentação na profundidade necessária, há que se romper com as divisões setoriais clássicas como primário, secundário e terciário, ou no formato de agricultura, indústria e serviços. Essa estrutura funcional de setorialização da economia não permite uma apreensão adequada da dinâmica econômica das economias capitalistas atuais. Não se trata mais de contrapor o urbano ao rural, as cidades ao campo, a máquina à terra, contradições típicas da passagem do feudalismo para o capitalismo que as transformações econômicas já deixaram para trás no tempo histórico. A contemporaneidade estrutural da economia e da sociedade, submetida no seu todo aos axiomas capitalistas, exige que exatamente esse panorama de totalidade presida as análises, em que as especificidades do particular não negam, mas reforçam o geral.

Numa visão de cadeia de produção de cada agronegócio, há tanto a terra como as indústrias e os serviços no mesmo encadeamento produtivo, produtor de valor e gerador de oportu-

¹Cadastrado no SIGA, NRP690, e registrado no CCTC n. IE-55/2004.

²Engenheiro Agrônomo, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

³Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

⁴Economista, Assistente Técnico de Pesquisa Científica e Tecnológica do Instituto de Economia Agrícola.

nidades de trabalho. Longe da pretensão equivocada de minimizar a importância histórica dos ciclos industriais que, no seu tempo e no seu lugar, determinaram a revolução das estruturas produtivas e sociais. As fábricas estão aí, bem como as cidades, formadas em megalópolis como a Cidade do México, New York e São Paulo. Porém, é fundamental resgatar a relevância do campo que não desapareceu, ao contrário, se desenvolveu, negando o vaticínio da perda de significância com as transformações econômicas que lhes impunham os teóricos tradicionais do desenvolvimento econômico. Nem mesmo tem-se aqui a idéia de negar o papel da indústria de bens de capital como determinante da dinâmica econômica capitalista. O que se deve ter clareza é que, em economias continentais, a multiplicação das forças produtivas especificamente capitalistas se dá num padrão da indústria de consumo, configurado na preponderância da agroindústria. Essa sim, ainda que seja indústria, não pode ser visualizada fora do contexto das cadeias de produção que lhe dão concretude e origem. Para os serviços, similar argumentação pode ser desenvolvida, mas nem sempre está explicitada nas análises do que se denomina “terceirização”.

As cadeias de produção dos agronegócios são a síntese de uma territorialidade integradora derivada do processo de desenvolvimento capitalista que, como afirmou o maior dos filósofos alemães em plena metade do século XIX, atingiu até as Muralhas da China. Os agronegócios apresentam características essenciais sobre as quais as políticas governamentais podem propiciar maior ou menor aderência enquanto estimuladoras da dinâmica econômica, sendo a mais relevante a complementaridade das várias zonas de produção, que permite superar as limitações das ofertas sazonais de produtos. Em síntese, com base no pressuposto de que os agronegócios, em economias continentais, configuram não apenas o principal setor dessas economias, mas também sua competitividade em termos de custos de produção e custos de transação reside exatamente na amplitude que a complementaridade de oferta primária pode conferir, há que se colocar a territorialidade como um axioma inexorável do desenho de políticas públicas. A sazonalidade da produção biológica, associada à estruturação de cadeias de produção em sistemas próximos ao *just in time*, tanto para os segmentos a montante como para os jusantes das cadeias

de produção, são elementos integradores que necessariamente levam a políticas nacionais convergentes com a transformação da territorialidade avantajada, com as diferenças formando mosaicos de oportunidades elencando possibilidades de se aprofundarem singularidades objetivas a partir de plataformas comuns de ofertas complementares. Este trabalho pretende contribuir para a compreensão da evolução desse fenômeno no período recente para a realidade paulista, estudando a evolução da receita agropecuária.

2 - DIMENSÃO DA RECEITA AGROPECUÁRIA COMO INDICADOR DE CRESCIMENTO ECONÔMICO

Numa realidade de internalização plena dos padrões da Segunda Revolução Industrial, a agricultura, entendida como um conjunto de agronegócios, tem uma distribuição de multiplicadores que, na média, implicam, que para cada dez unidades de riqueza setorial produzida, uma unidade de riqueza oriunda da agropecuária, segmento setorial conhecido como sua face rural “dentro da porteira”. Noutras palavras, uma unidade monetária do valor da produção agropecuária na sua multiplicação pelos elos das cadeias de produção no seu caminhar da roça à mesa produz a criação de outras nove unidades monetárias de riqueza. Nesses termos, mesmo que a multiplicação não atinja os patamares acima definidos, uma inexorabilidade das cadeias de produção dos agronegócios é a existência de um elo de produção agropecuária. Assim, uma forma de mensurar a evolução da receita setorial é o **Valor da Produção Agropecuária** (PAIVA et al., 1973), calculado pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), com base nos 47 principais produtos dos agronegócios paulistas, a partir de base de dados regionalizada, agrupados em onze grupos de cadeias de produção, agregado para permitir uma comparação consistente entre produtos de estruturas de mercado similares (Tabela 1). Após calculados os valores anuais, foram transformados em valores constantes médios de 2003, com base na variação do IPCA do IBGE. O Valor da Produção Agropecuária, ainda que seja um indicador parcial da receita gerada pela totalidade das cadeias de produção dos agronegócios, pois abarca apenas o elo estratégico da produção agropecuária, não medindo a agregação de valor

TABELA 1 - Produtos Considerados no Cálculo do Valor da Produção Agropecuária pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA)

Composição dos grupos de cadeias de produção	N. de produtos
Olerícolas	
Abóbora, abrobrinha, alface, batata, batata-doce, beterraba, cebola, cenoura, pimentão, repolho e tomate de mesa	11
Grãos e fibras	
Algodão em caroço, amendoim em casca, arroz em casca, feijão, milho, soja, sorgo e trigo	8
Frutas frescas	
Abacate, abacaxi, banana, caqui, goiaba para mesa, laranja para mesa, limão, manga, melancia ¹ , pêssego para mesa, tangerina e uva para mesa	12
Café	1
Cana	1
Carne bovina	1
Laranja indústria	1
Leite	
B e C	2
Aves e suínos	
Carne de frango, carne suína e ovos	3
Raízes tropicais	
Mandioca de mesa e mandioca para indústria	2
Agronegócios especiais	
Borracha, casulo, goiaba para indústria, maracujá e tomate para indústria	5
Total de produtos utilizados	47

¹A despeito da melancia ser na verdade uma fruta olerícola, optou-se pela sua classificação como fruta fresca.
Fonte: IEA APTA.

ao produto pela agroindústria de alimentos, pode representá-la de forma conveniente na ausência de estatísticas de publicação regular sobre a receita global gerada pelos agronegócios.

Para o cálculo do valor da produção de cada produto, nas 16 regiões de abrangência correspondente, uma às sedes e 15 a cada um dos 15 Pólos Regionais de Desenvolvimento dos Agronegócios da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA), com totalização para o Estado, utilizam-se as seguintes fórmulas:

$$VP = \sum_{j=1}^{40} VP_j \text{ com}$$

$$VP_j = \sum_{i=1}^{46} VP_{ij} \text{ e } VP_{ij} = Q_{ij} \cdot P_i$$

onde:

VP é o valor total da produção agropecuária do Estado, VP_j é o valor da produção total do j -ésima região; VP_{ij} e Q_{ij} são, respectivamente, o valor da produção e a quantidade do i -ésimo produto na i -ésima região; P_i é o preço do i -ésimo produto no Estado; i variando de 1 a 47 (número de produtos), j variando de 1 a 16 (número de regiões de abrangência).

Após o cálculo, o valor total da produção (nominal) foi deflacionado com base no Índice de Preços ao Consumidor Ampliado (IPCA), a partir da média anual publicada pela Fundação IBGE, o que permitiu avaliar a evolução real desse indicador no período 1999-2003.

3 - VALOR DA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA PAULISTA: significativo crescimento da receita agropecuária no quinquênio 1999-2003

O valor da produção da agropecuária paulista cresceu de forma persistente no período 1999-2003, evoluindo 7,00% entre 1999 e 2000 (R\$18,4 bilhões para R\$19,7 bilhões), mais 10,63% entre 2000 e 2001 (R\$19,7 bilhões para R\$21,7 bilhões), mais 10,95% entre 2001 e 2002 (R\$21,7 bilhões para R\$24,1 bilhões) e mais 2,51% entre 2002 e 2003 (R\$24,1 bilhões para R\$24,7 bilhões) (Tabelas 2 e 3). Esse desempenho revela uma realidade de enorme dinamismo com taxas expressivas de crescimento da receita agropecuária no quadriênio 1999-2002. Isso mesmo numa situação de crise econômica latente como em 2003, dada uma política econômica com taxas elevadas de juros, em que a economia brasileira

TABELA 2 - Evolução da Variação Percentual do Valor da Produção Agropecuária, segundo os Grupos de Produtos, 1999 a 2003

Grupo de produto	2000/1999	2001/2000	2002/2001	2003/2002	2003/1999
Laranja para indústria	-51,31	186,15	39,99	-8,76	77,96
Grãos e fibras	-5,76	7,71	38,24	20,42	68,96
Raízes tropicais	24,14	-16,46	-19,34	78,61	49,40
Aves e suínos	4,11	21,38	-8,63	21,17	39,91
Cana	34,55	6,42	2,02	-5,69	37,76
Total	7,00	10,63	10,95	2,51	34,63
Carne bovina	11,94	0,86	8,33	6,78	30,59
Frutas frescas	-7,08	24,94	15,05	-4,96	26,94
Leite	14,59	-10,25	2,10	20,52	26,55
Agronegócios especiais	10,99	-25,37	11,64	15,82	7,11
Olerícolas	10,84	-4,34	7,44	-7,94	4,87
Café	-15,18	-49,80	49,99	-23,20	-50,96

Fonte: IEA APTA.

TABELA 3 - Evolução do Valor da Produção Agropecuária, segundo os Principais Grupos de Produtos, 1999 a 2003

(em R\$¹)

Grupos de produtos	1999		2000		2001	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%
Agronegócios especiais	148.810.845	0,81	165.160.691	0,84	123.262.577	0,57
Aves e suínos	2.031.775.070	11,06	2.115.244.028	10,76	2.567.506.590	11,81
Café	898.575.739	4,89	762.156.909	3,88	382.574.989	1,76
Cana	4.643.725.888	25,28	6.248.110.842	31,78	6.649.265.398	30,57
Carne bovina	3.159.722.900	17,20	3.536.858.441	17,99	3.567.353.577	16,40
Frutas frescas	2.223.323.910	12,10	2.065.935.839	10,51	2.581.162.817	11,87
Grãos e fibras	2.057.512.934	11,20	1.938.980.466	9,86	2.088.466.313	9,60
Laranja para indústria	1.239.182.455	6,74	603.323.526	3,07	1.726.390.425	7,94
Leite	734.777.599	4,00	841.985.693	4,28	755.647.507	3,47
Olerícolas	1.144.126.506	6,23	1.268.143.691	6,45	1.213.044.352	5,58
Raízes tropicais	90.494.351	0,49	112.336.754	0,57	93.847.676	0,43
Total	18.372.028.197	100,00	19.658.236.879	100,00	21.748.522.222	100,00

Grupos de produtos	2002		2003		Variação % 2003/1999
	Valor	%	Valor	%	
Agronegócios especiais	137.611.848	0,57	159.386.395	0,64	7,11
Aves e suínos	2.346.007.375	9,72	2.842.623.437	11,49	39,91
Café	573.833.494	2,38	440.679.210	1,78	-50,96
Cana	6.783.460.851	28,11	6.397.142.847	25,86	37,76
Carne bovina	3.864.474.537	16,02	4.126.399.748	16,68	30,59
Frutas frescas	2.969.750.896	12,31	2.822.357.110	11,41	26,94
Grãos e fibras	2.887.007.746	11,96	3.476.425.275	14,05	68,96
Laranja para indústria	2.416.818.873	10,02	2.205.214.123	8,92	77,96
Leite	771.548.084	3,20	929.836.908	3,76	26,55
Olerícolas	1.303.299.355	5,40	1.199.879.589	4,85	4,87
Raízes tropicais	75.694.799	0,31	135.199.370	0,55	49,40
Total	24.129.507.858	100,00	24.735.144.013	100,00	34,63

¹Em valores constantes, médios de 2003, deflacionados pelo IPCA, do IBGE.

Fonte: IEA APTA.

e a paulista empreenderam recuo no produto face à recessão econômica que produziu taxas negativas de crescimento. Os agronegócios, na contramão da crise, cresceram em todos os anos, inclusive em 2003, quando sustentaram a receita paulista apresentando taxa de crescimento positiva e significativa. Tomando a variação acumulada da receita bruta da agropecuária paulista em todo quinquênio 1999-2003, tem-se uma evolução significativa de 34,63%, com a riqueza dessa economia monetária da produção rural crescendo de R\$18,4 bilhões para R\$24,7 bilhões, sem contar os efeitos multiplicadores desse processo nos demais elos das cadeias de produção setoriais.

A economia agropecuária paulista, ao apresentar esse crescimento da receita, revela seu dinamismo incorporador de inovações tecnológicas que, não apenas verticalizam a produção com ganhos de produtividade e qualidade, como também alteram de forma decisiva a composição de culturas, única forma de expansão possível, em que a fronteira agrícola está esgotada desde os anos 70s, com a área agropecuária fixando-se em torno dos 18 milhões de hectares. Nesse movimento de mudanças internas na composição de culturas ocorre o crescimento da área de grãos e fibras e da cana substituindo pastagens, transformando pastagens em lavouras numa extensão próxima dos 500 mil hectares no período 1999-2003, mas com o rebanho bovino crescendo de 12 milhões para 14 milhões de cabeças. Em ambos os casos, lavouras e criações, esse processo implica dois movimentos relevantes: a) da integração lavoura-pecuária que cresceu de forma decisiva no período com a incorporação de técnicas de cultivo mínimo como plantio direto na palha, cuja área paulista cresceu de 350 mil hectares para mais de um milhão de hectares no período, com efeitos decisivos não apenas na receita mas com reflexos ambientais, dada a menor perda de solos; b) de estruturação da produção de lavouras em zonas estaduais caracterizadas como de receita baixa ou estagnada, como o sudoeste Paulista, Alta Sorocabana e Extremo Oeste, onde as lavouras de cana e grãos avançam com base em tecnologia de ponta e alta produtividade. Em ambos os casos, a sustentação se dá com base na adaptação de tecnologias que, espalhando a adoção de inovações tecnológicas para todo ter-

ritório paulista, contribui para a redução das diferenças regionais. Não seria possível realizar esse avanço sem uma contribuição decisiva da estrutura governamental de pesquisa e desenvolvimento.

Numa análise da participação dos grupos de produtos na formação da receita bruta agropecuária paulista em 2003, as principais cadeias são: a da cana (25,86%); seguida da carne bovina (16,88%); dos grãos e fibras (14,05%); das aves e suínos (11,49%); das frutas frescas (11,41%); e da laranja para indústria (8,92%). Tomando como parâmetro o crescimento estadual de 34,63%, no período 1999-2003, tiveram taxas maiores: laranja para indústria (77,96%); grãos e fibras (68,96%); raízes tropicais (49,40%); aves e suínos (39,91%); e cana (37,76%). Apresentaram aumentos expressivos, mas abaixo da média estadual: carne bovina (30,59%); frutas frescas (26,94%); e leite (26,55%). Os agronegócios especiais (7,11%) e as olerícolas (4,87%) mostraram aumentos reduzidos no período, enquanto o café constituiu-se no único produto com queda de receita, com a significativa queda de 50,96%, em 2003, comparado com 1999, fruto da redução vertiginosa dos preços internacionais que, no último ano considerado, representavam em valores constantes em torno de um terço do primeiro ano. Em função da redução da receita agropecuária bruta derivada do café, de R\$898,6 milhões, em 1999, para R\$440,7 milhões, em 2003, a participação dessa lavoura reduziu-se de 4,89% para 1,78% no quinquênio 1999-2003 (Tabelas 2 e 3). Isso contrasta com o início dos anos 70s, em que o café representava perto da metade da receita agropecuária paulista, tanto que eram calculados dois totais de valores da produção agropecuária, sendo um com café e outro sem café. Dessas informações, um destaque a ser considerado é a relevante retomada das lavouras paulistas de grãos e fibras, numa realidade que reverte a tendência declinante que apresentava desde o início do ciclo de expansão do Brasil Central que foi impulsionado por mecanismos da guerra fiscal oferecendo vantagens expressivas a esses empreendimentos. Atualmente, ocorre no território paulista o surgimento de um ciclo expansivo sustentável dessas lavouras, sem aqueles mecanismos artificiais de benefícios tributários insustentáveis no longo prazo.

4 - DINAMISMO NO IMPULSIONAMENTO DA RECEITA AGROPECUÁRIA: visão regional da evolução das cadeias de produção

A caracterização global do processo recente de incremento da receita agropecuária paulista torna relevante o aprofundamento da análise, visando destacar para cada grupo de cadeias de produção relevante não apenas seu desempenho frente à média do crescimento estadual, com o que se pode detectar as atividades não apenas mais dinâmicas e também averiguar as áreas de abrangência dos pólos regionais da APTA⁵, onde esse dinamismo manifesta-se com maior força. Isso será feito para os principais grupos de cadeias de produção comparando os anos de 2003 e de 1999. Esse detalhamento permite visualizar o conteúdo desse processo em cada cadeia de produção, propiciando o desenho de políticas públicas adicionais no sentido da sua potencialização, com a criação de novos negócios geradores de receita e de emprego.

As cadeias de produção dos agronegócios especiais tiveram um reduzido incremento da receita, quando se compara o ano de 1999 com o de 2003, em que o valor da produção agropecuária cresceu de R\$148,8 milhões para R\$159,4 milhões, representando 7,11% de incremento proporcional. As áreas regionais de abrangência que têm maior participação nos agronegócios especiais são o Centro Norte (22,28%), o Noroeste Paulista (20,51%), a Alta Paulista (10,23%) e o Centro-Oeste (9,17%). As diferentes cadeias inseridas nesse grupo propiciam comportamentos regionais distintos, com crescimento no Centro Leste (55,93%), nas Sedes (49,70%), no Noroeste Paulista (38,41%), no Sudoeste Paulista (31,27%) e na Alta Sorocabana (30,06%), e queda no leste Paulista (72,10%), no Médio Paranapanema (66,22%), Vale do Ribeira (48,80%) e Alta Mogiana (39,71%) (Tabela 4). Esse desempenho dos agronegócios especiais são um indicador da necessidade de se estrutu-

⁵Os Pólos Regionais de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios são unidades regionais de ciência e tecnologia da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA) voltadas para as demandas regionais de inovações das cadeias de produção dos agronegócios, sendo em número de 15, cada qual com uma área de abrangência definida por critérios agroeconômicos, perfazendo, com os municípios das áreas de abrangência das sedes dos institutos de pesquisa da APTA, 16 áreas regionais de abrangência. Detalhes no site www.aptaregional.sp.gov.br

rar ações regionais de produção orientada para nichos de mercado, diversificando a base geradora de receita na agropecuária.

As cadeias de produção das aves e suínos tiveram um importante incremento da receita, quando se compara o ano de 1999 com o de 2003, em que o valor da produção agropecuária cresceu de R\$2,03 bilhões para R\$2,84 bilhões, representando 39,31% de incremento proporcional. As áreas regionais de abrangência que têm maior participação nas aves e suínos são: centro-sul (18,28%), Alta Paulista (14,33%), centro-leste (11,10%), Sedes (10,83%), o centro-oeste (8,81%) e leste Paulista (8,45%). As áreas de abrangência que mostram os maiores crescimentos são: Alta Paulista (185,35%), sudoeste Paulista (89,50%), centro-oeste (81,99%), nordeste Paulista (76,13%), Alta Mogiana (69,88%) e Alta Sorocabana (40,30%). As aves e suínos tiveram queda de receita no noroeste Paulista (34,99%), Extremo Oeste (26,71%), Vale do Ribeira (11,56%) e Centro-Norte (8,90%) (Tabela 4). A ampliação da oferta de soja e milho com o crescimento da produção paulista de grãos é funcional com a expansão das cadeias de produção de aves e suínos.

A cadeia de produção de café apresentou uma dramática diminuição da receita, quando se compara o ano de 1999 com o de 2003, em que o valor da produção agropecuária decresceu de R\$898,6 milhões para R\$440,7 milhões, representando 50,96% de decréscimo. Isso é fruto da redução dos preços internacionais do produto que reduziram-se a um terço no período e, mesmo com incremento do câmbio após 1999, esse aumento não amorteceu de forma consistente a queda dos preços recebidos pelos agricultores. As principais áreas produtoras de café em São Paulo são: nordeste Paulista (27,34%), centro-oeste (15,60%), leste Paulista (14,39%) e Médio Paranapanema (13,46%). À exceção do Extremo Oeste, área de pouca abrangência de cafezais, que apresentou aumento de 20,94%, em todas as demais zonas produtoras houve queda expressiva da receita gerada pelo café, como no Nordeste Paulista (61,85%), noroeste Paulista (59,90%), Alta Paulista (58,64%), centro leste (52,81%) e leste Paulista (51,18%) (Tabela 5). A consolidação de mecanismos que propiciam a produção de café de qualidade e a perspectiva de recuperação dos preços internacionais do

TABELA 4 - Comparação da Evolução do Valor da Produção Agropecuária dos Grupos de Produtos, segundo as Áreas de Abrangência dos Pólos Regionais de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios, 1999 e 2003

(em R\$)¹

Pólos por grupos de produtos	1999		2003		Variação % 2003/1999
	Valor	%	Valor	%	
Alta Mogiana	17.758.137	11,93	10.706.937	6,72	-39,71
Alta Paulista	14.568.807	9,79	16.304.046	10,23	11,91
Alta Sorocabana	4.366.159	2,93	5.678.688	3,56	30,06
Centro Leste	797.090	0,54	1.242.920	0,78	55,93
Centro Norte	28.741.218	19,31	35.508.255	22,28	23,54
Centro-Oeste	15.362.694	10,32	14.614.669	9,17	-4,87
Centro Sul	672.475	0,45	751.256	0,47	11,72
Extremo Oeste	18.453.119	12,40	25.486.792	15,99	38,12
Leste Paulista	1.616.393	1,09	450.940	0,28	-72,10
Médio Paranapanema	2.047.909	1,38	691.807	0,43	-66,22
Nordeste Paulista	900.269	0,60	1.164.326	0,73	29,33
Noroeste Paulista	23.615.592	15,87	32.685.513	20,51	38,41
Sedes	1.185.235	0,80	1.774.253	1,11	49,70
Sudoeste Paulista	3.076.209	2,07	4.038.027	2,53	31,27
Vale do Paraíba	381.107	0,26	469.939	0,29	23,31
Vale do Ribeira	15.268.433	10,26	7.818.026	4,91	-48,80
Agronegócios especiais	148.810.845	100,00	159.386.395	100,00	7,11
Alta Mogiana	24.946.390	1,23	42.377.757	1,49	69,88
Alta Paulista	142.716.435	7,02	407.244.842	14,33	185,35
Alta Sorocabana	40.641.816	2,00	57.019.609	2,01	40,30
Centro Leste	269.513.294	13,26	315.635.834	11,10	17,11
Centro Norte	132.581.933	6,53	120.780.113	4,25	-8,90
Centro-Oeste	137.561.980	6,77	250.354.022	8,81	81,99
Centro Sul	380.162.682	18,71	519.737.741	18,28	36,71
Extremo Oeste	133.435.936	6,57	97.799.770	3,44	-26,71
Leste Paulista	188.580.130	9,28	240.091.224	8,45	27,32
Médio Paranapanema	118.884.005	5,85	140.393.647	4,94	18,09
Nordeste Paulista	105.987.902	5,22	186.671.686	6,57	76,13
Noroeste Paulista	68.209.273	3,36	44.346.063	1,56	-34,99
Sedes	224.105.070	11,03	307.780.228	10,83	37,34
Sudoeste Paulista	52.600.822	2,59	99.679.741	3,51	89,50
Vale do Paraíba	9.502.500	0,47	10.637.227	0,37	11,94
Vale do Ribeira	2.344.900	0,12	2.073.933	0,07	-11,56
Aves e suínos	2.031.775.070	100,00	2.842.623.437	100,00	39,91

¹Em valores constantes, médios de 2003, deflacionados pelo IPCA, do IBGE.

Fonte: IEA APTA.

produto podem revitalizar a cafeicultura paulista retirando-a de mais essa crise e consolidando-a como o principal segmento de lavoura familiar com plantios adensados para cafés especiais de qualidade superior.

A cadeia de produção da cana apresentou um relevante aumento da receita, quando se compara o ano de 1999 com o de 2003, em que valor da produção agropecuária cresceu de R\$4,64 bilhões para R\$6,40 bilhões, representando 37,76% de acréscimo. Isso é fruto do enorme dinamismo setorial que faz da lavoura cana-

vieira aquela de maior área plantada do território paulista. As principais áreas produtoras de cana em São Paulo são: Alta Mogiana (19,15%), Centro Leste (17,55%), Centro-Oeste (11,77%), Centro Sul (9,36%) e Médio Paranapanema (7,91%). A receita agropecuária da cana é crescente em todo território paulista, mas as zonas que apresentaram taxas maiores que a média estadual dessa lavoura são: Vale do Ribeira (202,33%), apesar da reduzida representatividade; Alta Paulista (77,77%); Extremo Oeste (76,54%); sudoeste Paulista (68,58%); Sedes (62,94%); Vale do

TABELA 5 - Comparação da Evolução do Valor da Produção Agropecuária dos Grupos de Produtos, segundo as Áreas de Abrangência dos Pólos Regionais de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios, 1999 e 2003

(em R\$)¹

Pólos por grupos de produtos	1999		2003		Variação % 2003/1999
	Valor	%	Valor	%	
Alta Mogiana	10.108.693	1,12	8.919.359	2,02	-11,77
Alta Paulista	53.057.693	5,90	21.946.343	4,98	-58,64
Alta Sorocabana	5.164.043	0,57	5.155.403	1,17	-0,17
Centro Norte	27.023.625	3,01	14.257.508	3,24	-47,24
Centro Sul	19.148.839	2,13	11.732.075	2,66	-38,73
Médio Paranapanema	76.373.553	8,50	59.330.313	13,46	-22,32
Nordeste Paulista	315.810.738	35,15	120.483.268	27,34	-61,85
Noroeste Paulista	63.809.152	7,10	25.586.579	5,81	-59,90
Sedes	13.398.624	1,49	10.239.820	2,32	-23,58
Sudoeste Paulista	10.564.096	1,18	6.257.158	1,42	-40,77
Vale do Paraíba	2.918.577	0,32	1.323.800	0,30	-54,64
Vale do Ribeira	-	-	3.883	0,00	-
Centro Leste	24.169.590	2,69	11.404.484	2,59	-52,81
Centro Oeste	137.320.241	15,28	68.760.708	15,60	-49,93
Extremo Oeste	9.806.456	1,09	11.860.222	2,69	20,94
Leste Paulista	129.901.821	14,46	63.418.288	14,39	-51,18
Café	898.575.739	100,00	440.679.210	100,00	-50,96
Alta Mogiana	780.854.944	16,82	1.224.955.203	19,15	56,87
Alta Paulista	63.181.496	1,36	112.318.652	1,76	77,77
Alta Sorocabana	106.760.104	2,30	155.713.358	2,43	45,85
Centro Leste	978.483.882	21,07	1.122.419.642	17,55	14,71
Centro Norte	441.480.135	9,51	595.002.732	9,30	34,77
Centro Oeste	538.966.106	11,61	752.638.003	11,77	39,64
Centro Sul	498.947.597	10,74	598.595.085	9,36	19,97
Extremo Oeste	251.304.644	5,41	443.641.087	6,93	76,54
Leste Paulista	66.318.578	1,43	85.721.897	1,34	29,26
Médio Paranapanema	354.923.998	7,64	506.228.833	7,91	42,63
Nordeste Paulista	286.458.459	6,17	400.173.481	6,26	39,70
Noroeste Paulista	169.696.767	3,65	224.229.396	3,51	32,14
Sedes	62.844.796	1,35	102.396.271	1,60	62,94
Sudoeste Paulista	41.963.856	0,90	70.740.663	1,11	68,58
Vale do Paraíba	1.482.610	0,03	2.193.450	0,03	47,95
Vale do Ribeira	57.914	0,00	175.094	0,00	202,33
Cana	4.643.725.888	100,00	6.397.142.847	100,00	37,76

¹Em valores constantes, médios de 2003, deflacionados pelo IPCA, do IBGE.

Fonte: IEA APTA.

Paraíba (47,95%); Alta Sorocabana (45,85%); e Médio Paranapanema (42,63%) (Tabela 5). Num visão da totalidade do território paulista, fica nítida a expansão da cana no sentido de toda faixa Oeste em que passa a disputar áreas com as pastagens, implicando, com isso, um progressivo adensamento e intensificação da pecuária de corte.

A cadeia de produção da carne bovina apresentou um relevante aumento da receita, quando se compara o ano de 1999 com o de 2003, em que o valor da produção agropecuária

cresceu de R\$3,16 bilhões para R\$4,13 bilhões, representando 30,59% de acréscimo. As áreas de pastagens representam a maior parcela da área agrícola paulista, ainda superando os 10 milhões de hectares, determinando assim a pecuária de corte como a atividade que ocupa o maior espaço territorial estando presente em todas as regiões paulistas. As principais áreas produtoras de carne bovina em São Paulo são: noroeste Paulista (15,13%); Alta Sorocabana (14,41%); Centro-Oeste (11,46%); Extremo Oeste (11,12%); Alta Paulista (8,29%); e Médio Para-

napanema (6,85%). A receita agropecuária da carne bovina é crescente em todo território paulista, mas as zonas que apresentaram taxas maiores que a média estadual dessa criação são o Vale do Ribeira (53,28%) e as Sedes (53,22%) - apesar de ambas terem reduzida a representatividade -, vindo a seguir: Vale do Paraíba (39,21%), Centro-Oeste (38,88%), Alta Sorocabana (35,95%), Alta Mogiana (34,93%), Noroeste Paulista (32,98%); e Sudoeste Paulista (32,09%) (Tabela 6). Numa visão da totalidade do território paulista fica nítido o processo de pressão pelo adensamento das áreas de pastagens destinadas principalmente à pecuária de corte, que tem respondido a esse desafio com aumento de produtividade, à medida que o rebanho bovino cresce de 12 milhões para 14 milhões de cabeças, ainda que com menor área de pastagens.

As cadeias de produção de frutas frescas apresentaram crescimento da receita agropecuária menor que a média estadual, quando se compara o ano de 1999 com o de 2003, em que o valor da produção agropecuária cresceu de R\$2,22 bilhões para R\$2,82 bilhões, representando 26,94% de acréscimo. As principais áreas produtoras de frutas frescas em São Paulo são: Centro Norte (24,58%); Vale do Ribeira (11,91%); Noroeste Paulista (7,68%); Sedes (7,63%); Centro Leste (6,90%); Alta Mogiana (6,37%); e Leste Paulista (6,18%). A receita agropecuária das frutas frescas tem comportamento diferenciado na ótica regional dadas as distintas espécies preponderantes, sendo as zonas que apresentaram taxas maiores que a média estadual dessas lavouras: Centro Leste (60,89%); Leste Paulista (52,73%); Alta Mogiana (47,86%); Médio Paranapanema (44,12%); Centro Sul (33,30%); Centro-Oeste (32,81%); e Centro Norte (30,44%). Apresentaram queda em função das espécies frutícolas cultivadas regionalmente a Alta Sorocabana (34,41%) e a Alta Paulista (Tabela 6). As frutas frescas representam relevante oportunidade para o incremento da receita agropecuária paulista com base num amplo processo de diversificação de espécies. Entretanto, a produção nesse grupo de cadeias de produção permanece concentrada na banana e na laranja para mesa e, no conjunto, continua apresentando taxas de crescimento menores que a média estadual, demonstrando, com isso, desempenho que não conduz ao resultado desejado. A concretização das frutas frescas como elemento dinâmico de incremento da receita

agropecuária paulista exige que sejam definidos e consolidados núcleos frutícolas regionais, na concepção de arranjos produtivos locais, constituídos na moderna concepção de produção integrada com a estruturação da logística compatível.

As cadeias de produção de grãos e fibras apresentaram um relevante aumento da receita, quando se compara o ano de 1999 com o de 2003, em que o valor da produção agropecuária cresceu de R\$2,06 bilhões para R\$3,48 bilhões, representando 68,96% de acréscimo. As principais áreas produtoras de grãos e fibras em São Paulo são: Médio Paranapanema (18,86%); sudoeste Paulista (17,00%); Alta Mogiana (15,93%); Nordeste Paulista (7,26%); Noroeste Paulista (7,11%); e Alta Sorocabana (6,63%). A receita agropecuária dos grãos e fibras é crescente em todo território paulista, mas as zonas que apresentaram taxas maiores que a média estadual dessas lavouras são: Alta Sorocabana (190,63%); Extremo Oeste (115,89%); Centro Norte (86,57%); Sudoeste Paulista (85,52%); e Centro-Oeste (73,24%) (Tabela 7). Essa expansão dos grãos e fibras no território paulista reverte a tendência de migração dessas atividades para o Brasil Central, com base nas políticas estaduais de renúncias fiscais praticadas nessa região brasileira. Essa retomada, com base apenas nos mecanismos de eficiência produtiva, tem privilegiado o avanço da soja e do milho sobre áreas de pastagens, em especial no Oeste Paulista e no Sudoeste Paulista, contribuindo para o processo de desconcentração regional da receita agropecuária paulista.

A cadeia de produção de laranja para indústria apresentou um relevante aumento da receita, quando se compara o ano de 1999 com o de 2003, em que o valor da produção agropecuária cresceu de R\$1,24 bilhão para R\$2,20 bilhões, representando 77,96% de acréscimo. As principais áreas produtoras de laranja para indústria em São Paulo são: Centro Norte (26,90%); Centro Leste (13,70%); Alta Mogiana (13,41%); Centro Sul (8,26%); Centro-Oeste (8,00%); e Noroeste Paulista (7,06%). A receita agropecuária da laranja para indústria cresce com taxas maiores que a média estadual dessas lavouras no Médio Paranapanema (211,92%); Sudoeste Paulista (137,26%); Centro-Oeste (125,43%); Centro Leste (124,25%); Vale do Paraíba (121,62%); e Centro Sul (84,79%). A receita agropecuária proveniente da laranja para indús-

TABELA 6 - Comparação da Evolução do Valor da Produção Agropecuária dos Grupos de Produtos, segundo as Áreas de Abrangência dos Pólos Regionais de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios, 1999 e 2003

(em R\$)¹

Pólos por grupos de produtos	1999		2003		Variação % 2003/1999
	Valor	%	Valor	%	
Alta Mogiana	94.794.403	3,00	127.909.986	3,10	34,93
Alta Paulista	266.508.120	8,43	341.990.042	8,29	28,32
Alta Sorocabana	437.236.675	13,84	594.436.750	14,41	35,95
Centro Leste	60.379.204	1,91	78.905.879	1,91	30,68
Centro Norte	194.621.399	6,16	241.173.610	5,84	23,92
Centro-Oeste	340.583.553	10,78	472.990.940	11,46	38,88
Centro Sul	154.244.247	4,88	195.670.648	4,74	26,86
Extremo Oeste	354.607.791	11,22	458.804.258	11,12	29,38
Leste Paulista	71.049.136	2,25	88.395.836	2,14	24,42
Médio Paranapanema	260.655.505	8,25	282.798.270	6,85	8,50
Nordeste Paulista	118.633.994	3,75	154.738.239	3,75	30,43
Noroeste Paulista	469.623.203	14,86	624.505.274	15,13	32,98
Sedes	36.893.398	1,17	56.526.438	1,37	53,22
Sudoeste Paulista	195.619.589	6,19	258.392.552	6,26	32,09
Vale do Paraíba	75.802.155	2,40	105.522.704	2,56	39,21
Vale do Ribeira	28.470.527	0,90	43.638.321	1,06	53,28
Carne bovina	3.159.722.900	100,00	4.126.399.748	100,00	30,59
Alta Mogiana	121.556.300	5,47	179.727.599	6,37	47,86
Alta Paulista	36.742.621	1,65	30.760.454	1,09	-16,28
Alta Sorocabana	27.722.401	1,25	18.183.574	0,64	-34,41
Centro Leste	121.122.560	5,45	194.870.091	6,90	60,89
Centro Norte	531.772.448	23,92	693.665.221	24,58	30,44
Centro-Oeste	123.361.260	5,55	163.834.357	5,80	32,81
Centro Sul	114.951.734	5,17	153.231.372	5,43	33,30
Extremo Oeste	81.512.045	3,67	99.519.465	3,53	22,09
Leste Paulista	114.200.943	5,14	174.424.376	6,18	52,73
Médio Paranapanema	56.467.170	2,54	81.379.757	2,88	44,12
Nordeste Paulista	75.037.947	3,38	97.905.340	3,47	30,47
Noroeste Paulista	197.512.110	8,88	216.793.966	7,68	9,76
Sedes	189.955.545	8,54	215.299.127	7,63	13,34
Sudoeste Paulista	138.016.990	6,21	142.703.463	5,06	3,40
Vale do Paraíba	20.338.140	0,91	23.873.698	0,85	17,38
Vale do Ribeira	273.053.697	12,28	336.185.250	11,91	23,12
Frutas frescas	2.223.323.910	100,00	2.822.357.110	100,00	26,94

¹Em valores constantes, médios de 2003, deflacionados pelo IPCA, do IBGE.

Fonte: IEA APTA.

tria tem queda no Vale do Ribeira (62,82%), na Alta Paulista (61,37%) e no Extremo Oeste (21,59%), todas com baixa representatividade no contexto estadual (Tabela 7). A cadeia de produção da laranja para indústria passa por processo de adensamento espacial gerando elevada especialização produtiva.

A cadeia de produção de leite apresentou crescimento da receita agropecuária menor que a média estadual, quando se compara o ano de 1999 com o de 2003, em que o valor da produção agropecuária cresceu de R\$734,78 mi-

lhões para R\$929,84 milhões, representando 26,55% de acréscimo. As principais áreas produtoras de leite em São Paulo são: Noroeste Paulista (19,37%); Vale do Paraíba (12,38%); Nordeste Paulista (8,03%); Extremo Oeste (7,16%); Centro Leste (6,71%); e Alta Sorocabana (5,85%). A receita agropecuária do leite tem comportamento diferenciado na ótica regional, sendo as zonas que apresentaram taxas maiores que a média estadual dessa atividade foram: Vale do Ribeira (149,86%); Alta Mogiana (122,70%); Sudoeste Paulista (90,84%); Centro Leste (77,11%); Vale

TABELA 7 - Comparação da Evolução do Valor da Produção Agropecuária dos Grupos de Produtos, segundo as Áreas de Abrangência dos Pólos Regionais de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios, 1999 e 2003

(em R\$)¹

Pólos por grupos de produtos	1999		2003		Variação % 2003/1999
	Valor	%	Valor	%	
Alta Mogiana	380.220.173	18,48	553.869.457	15,93	45,67
Alta Paulista	59.943.179	2,91	86.922.021	2,50	45,01
Alta Sorocabana	79.277.342	3,85	230.404.870	6,63	190,63
Centro Leste	108.949.217	5,30	174.415.441	5,02	60,09
Centro Norte	66.451.786	3,23	123.976.825	3,57	86,57
Centro-Oeste	56.211.712	2,73	97.378.385	2,80	73,24
Centro Sul	54.186.346	2,63	86.215.544	2,48	59,11
Extremo Oeste	96.020.075	4,67	207.299.581	5,96	115,89
Leste Paulista	48.082.661	2,34	73.622.244	2,12	53,12
Médio Paranapanema	408.304.932	19,84	655.754.491	18,86	60,60
Nordeste Paulista	164.129.602	7,98	252.376.354	7,26	53,77
Noroeste Paulista	143.640.233	6,98	247.054.548	7,11	72,00
Sedes	29.756.802	1,45	34.230.703	0,98	15,03
Sudoeste Paulista	318.488.555	15,48	590.858.203	17,00	85,52
Vale do Paraíba	37.526.241	1,82	53.771.282	1,55	43,29
Vale do Ribeira	6.324.076	0,31	8.275.325	0,24	30,85
Grãos e fibras	2.057.512.934	100,00	3.476.425.275	100,00	68,96
Alta Mogiana	184.673.568	14,90	295.759.245	13,41	60,15
Alta Paulista	1.662.185	0,13	642.094	0,03	-61,37
Alta Sorocabana	349.566	0,03	450.771	0,02	28,95
Centro Leste	134.726.227	10,87	302.128.512	13,70	124,25
Centro Norte	384.450.562	31,02	593.136.721	26,90	54,28
Centro-Oeste	78.217.667	6,31	176.326.946	8,00	125,43
Centro Sul	98.574.697	7,95	182.155.356	8,26	84,79
Extremo Oeste	4.577.715	0,37	3.589.583	0,16	-21,59
Leste Paulista	72.447.317	5,85	150.290.393	6,82	107,45
Médio Paranapanema	17.126.507	1,38	53.421.616	2,42	211,92
Nordeste Paulista	86.511.267	6,98	130.740.819	5,93	51,13
Noroeste Paulista	99.914.248	8,06	155.744.718	7,06	55,88
Sedes	34.912.567	2,82	63.877.918	2,90	82,97
Sudoeste Paulista	39.829.199	3,21	94.497.057	4,29	137,26
Vale do Paraíba	1.085.883	0,09	2.406.537	0,11	121,62
Vale do Ribeira	123.280	0,01	45.839	0,00	-62,82
Laranja para indústria	1.239.182.455	100,00	2.205.214.123	100,00	77,96

¹Em valores constantes, médios de 2003, deflacionados pelo IPCA, do IBGE.

Fonte: IEA APTA.

do Paraíba (71,69%); Noroeste Paulista (54,77%); Leste Paulista (50,04%); Extremo Oeste (47,30%); Centro-Oeste (38,32%); Alta Sorocabana (34,58%); e Sedes (31,10%). Apresentaram queda: Centro Norte (52,71%); Nordeste Paulista (24,78%); Médio Paranapanema (5,09%); e Centro Sul (0,61%) (Tabela 8). As mudanças tecnológicas em curso na cadeia de produção de leite com a modernização do sistema de ordenha e com a adoção do resfriamento imediato do produto pós-ordenha vem alterando de forma decisiva o desempenho setorial, conduzindo, de um lado,

a progressiva concentração com base numa escala mínima e padrões sanitários definidos para as propriedades leiteiras se constituírem viáveis e, de outro, uma mudança estrutural nos circuitos leiteiros com sistema de coleta não mais diário, gerando economias de escala no transporte até as centrais de laticínios. Esse processo, distinto para cada perfil de agroindústria de laticínios, tem impacto na distribuição regional da produção e, com isso, na distribuição espacial da receita agropecuária do produto. Na cadeia de produção de leite, a concorrência da produção paulista com

TABELA 8 - Comparação da Evolução do Valor da Produção Agropecuária dos Grupos de Produtos, segundo as Áreas de Abrangência dos Pólos Regionais de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios, 1999 e 2003

(em R\$)¹

Pólos por grupos de produtos	1999		2003		Variação % 2003/1999
	Valor	%	Valor	%	
Alta Mogiana	17.576.807	2,39	39.143.120	4,21	122,70
Alta Paulista	35.376.328	4,81	42.947.660	4,62	21,40
Alta Sorocabana	40.392.579	5,50	54.359.100	5,85	34,58
Centro Leste	35.251.859	4,80	62.435.340	6,71	77,11
Centro Norte	91.624.742	12,47	43.327.920	4,66	-52,71
Centro-Oeste	32.029.699	4,36	44.303.260	4,76	38,32
Centro Sul	37.389.462	5,09	37.160.800	4,00	-0,61
Extremo Oeste	45.173.013	6,15	66.540.900	7,16	47,30
Leste Paulista	24.930.965	3,39	37.407.060	4,02	50,04
Médio Paranapanema	44.880.296	6,11	42.595.108	4,58	-5,09
Nordeste Paulista	99.283.426	13,51	74.677.220	8,03	-24,78
Noroeste Paulista	109.290.717	14,87	180.083.240	19,37	64,77
Sedes	27.201.871	3,70	35.660.600	3,84	31,10
Sudoeste Paulista	24.061.665	3,27	45.920.240	4,94	90,84
Vale do Paraíba	67.046.750	9,12	115.111.360	12,38	71,69
Vale do Ribeira	3.267.421	0,44	8.163.980	0,88	149,86
Leite	734.777.599	100,00	929.836.908	100,00	26,55
Alta Mogiana	9.246.217	0,81	9.331.701	0,78	0,92
Alta Paulista	7.264.630	0,63	7.686.788	0,64	5,81
Alta Sorocabana	28.072.943	2,45	19.687.200	1,64	-29,87
Centro Leste	14.364.481	1,26	14.520.918	1,21	1,09
Centro Norte	18.598.109	1,63	28.303.318	2,36	52,18
Centro-Oeste	21.341.504	1,87	14.469.713	1,21	-32,20
Centro Sul	24.685.219	2,16	21.005.107	1,75	-14,91
Extremo Oeste	11.649.303	1,02	6.753.649	0,56	-42,03
Leste Paulista	88.220.061	7,71	98.583.552	8,22	11,75
Médio Paranapanema	27.159.723	2,37	15.064.686	1,26	-44,53
Nordeste Paulista	210.688.385	18,41	324.477.503	27,04	54,01
Noroeste Paulista	10.792.034	0,94	7.117.094	0,59	-34,05
Sedes	345.730.040	30,22	267.720.242	22,31	-22,56
Sudoeste Paulista	244.334.027	21,36	294.120.183	24,51	20,38
Vale do Paraíba	15.151.977	1,32	9.848.441	0,82	-35,00
Vale do Ribeira	66.827.851	5,84	61.189.494	5,10	-8,44
Olerícolas	1.144.126.506	100,00	1.199.879.589	100,00	4,87

¹Em valores constantes, médios de 2003, deflacionados pelo IPCA, do IBGE.

Fonte: IEA APTA.

produto oriundo de outras unidades da federação é importante, fundamentalmente em razão da disseminação do consumo de produtos longa vida pelos consumidores urbanos.

As cadeias de produção de olerícolas apresentaram crescimento da receita agropecuária menor que a média estadual, quando se compara o ano de 1999 com o de 2003, em que o valor da produção agropecuária cresceu de R\$1,14 bilhão para R\$1,20 bilhão, representando 4,87% de acréscimo. As principais áreas produtoras de olerícolas em São Paulo são: Nordeste

Paulista (27,04%); Sudoeste Paulista (24,51%); Sedes (22,31%); Leste Paulista (8,22%); e Vale do Ribeira (5,10%). A receita agropecuária das olerícolas tem comportamento diferenciado na ótica regional dadas as distintas espécies preponderantes, sendo as zonas que apresentaram taxas maiores que a média estadual dessas lavou- ras o Nordeste Paulista (54,01%), o Centro Norte (52,18%), o Sudoeste Paulista (20,38%), o Leste Paulista (11,75%) e a Alta Paulista (5,81%). Apresentaram queda em função das espécies olerícolas cultivadas regionalmente: Médio Para-

napanema (44,53%); Extremo Oeste (42,03%); Vale do Paraíba (35,00%); Noroeste Paulista (34,05%); Centro-Oeste (32,20%); Sedes (22,56%); Centro Sul (14,91%); e Vale do Ribeira (8,44%) (Tabela 8). As olerícolas representam outra relevante oportunidade para o incremento da receita agropecuária paulista com base num amplo processo de diversificação de espécies com elevado valor unitário produzido com qualidade por estruturas familiares. Entretanto, a produção nesse grupo de cadeias de produção permanece concentrada em poucas espécies e, no conjunto, continua apresentando taxas de crescimento menores que a média estadual, demonstrando, com isso, desempenho que não conduz ao resultado desejado. A concretização das olerícolas como elemento dinâmico de incremento da receita agropecuária paulista exige que sejam definidos e consolidados núcleos olerícolas regionais, na concepção de arranjos produtivos locais, constituídos na moderna concepção de produção integrada com a estruturação da logística compatível. A recuperação da receita interna, em especial da classe média, pode ser um elemento impulsor dessa cadeia de produção em São Paulo.

As cadeias de produção de raízes tropicais apresentaram crescimento da receita agro

pecuária superior à média estadual, quando se compara o ano de 1999 com o de 2003, em que o valor da produção agropecuária cresceu de R\$90,49 milhões para R\$135,20 milhões, representando 49,40% de acréscimo. As principais áreas produtoras de olerícolas em São Paulo são: Médio Paranapanema (30,60%); Alta Sorocabana (13,85%); Centro Sul (9,77%); e Sedes (5,45%). A receita agropecuária das olerícolas tem comportamento diferenciado na ótica regional, sendo as zonas que apresentaram taxas maiores que a média estadual dessas lavouras: Alta Paulista (543,84%); Leste Paulista (201,77%); Alta Mogiana (131,99%); Centro Sul (118,51%); Alta Sorocabana (83,95%); e Centro Norte (54,33%). Apresentaram queda Sudoeste Paulista (41,87%), Vale do Paraíba (27,03%), Extremo Oeste (24,12%) e Sedes (17,09%) (Tabela 9). Nas cadeias de produção de raízes tropicais, consubstanciadas na mandioca de mesa e mandioca para indústria, as possibilidades potenciais de incremento da produção e diversificação de produtos finais têm se mostrado mais amplas que a realidade, sem conseguir alterar o padrão tradicional de uso. Em função disso é que, a despeito de muitas utilizações alternativas e perspectivas de novos negócios, a participação das raízes tropicais na receita agropecuária é ainda reduzida.

TABELA 9 - Comparação da Evolução do Valor da Produção Agropecuária dos Grupos de Produtos, segundo as Áreas de Abrangência dos Pólos Regionais de Desenvolvimento Tecnológico dos Agronegócios, 1999 e 2003

(em R\$)¹

Pólos por grupos de produtos	1999		2003		Variação % 2003/1999
	Valor	%	Valor	%	
Alta Mogiana	153.448	0,17	355.978	0,26	131,99
Alta Paulista	1.273.813	1,41	8.201.356	6,07	543,84
Alta Sorocabana	10.177.583	11,25	18.722.006	13,85	83,95
Centro Leste	1.670.144	1,85	1.816.209	1,34	8,75
Centro Norte	2.943.300	3,25	4.542.493	3,36	54,33
Centro-Oeste	4.955.390	5,48	5.617.539	4,16	13,36
Centro Sul	6.045.575	6,68	13.209.952	9,77	118,51
Extremo Oeste	3.854.834	4,26	2.925.106	2,16	-24,12
Leste Paulista	6.213.461	6,87	18.750.153	13,87	201,77
Médio Paranapanema	30.159.873	33,33	41.366.596	30,60	37,16
Nordeste Paulista	899.463	0,99	1.116.840	0,83	24,17
Noroeste Paulista	4.130.027	4,56	4.091.102	3,03	-0,94
Sedes	8.892.627	9,83	7.372.649	5,45	-17,09
Sudoeste Paulista	3.889.466	4,30	2.261.027	1,67	-41,87
Vale do Paraíba	2.685.014	2,97	1.959.320	1,45	-27,03
Vale do Ribeira	2.550.334	2,82	2.891.044	2,14	13,36
Raízes tropicais	90.494.351	100,00	135.199.370	100,00	49,40

¹ Em valores constantes, médios de 2003, deflacionados pelo IPCA, do IBGE.

Fonte: IEA APTA.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando, ao mesmo tempo em que se comprova o elevado dinamismo da agropecuária paulista com o expressivo crescimento da receita medida pelo valor da produção no quinquênio 1999-2003 e que se constata um processo de melhor distribuição espacial dessa riqueza, as regiões com melhores indicadores sociais e econômicos têm crescimento menor que as menos desenvolvidas, no plano dos grupos de cadeias de produção ocorre um processo inverso, qual seja, a receita agropecuária se concentra num dado perfil de produtos. Os novos espaços estão sendo ocupados pelo crescimento maior que a média estadual da laranja para indústria, dos grãos e fibras, da cana e das raízes tropicais, esta última cadeia com reduzida participação

geral. Resta então a disputa por áreas nas zonas de expansão entre a cana e os grãos e fibras, em especial no Oeste Paulista, dado que a laranja avança no eixo da rodovia Castelo Branco, mais central no território paulista. Verificam-se efeitos positivos sobre o emprego e a receita enquanto substituição de pastagens no caso da cana e de integração lavoura-pecuária no caso dos grãos e fibras. Fruto da conjuntura econômica nacional com pressão pela redução do consumo e da pequena inserção competitiva externa, as frutas frescas e as olerícolas, relevantes opções estruturantes, cresceram menos que a média estadual e, com isso, contribuíram para a concentração da receita gerada na ótica das cadeias de produção, com a preponderância dos agronegócios de escala, que são competitivos no plano interno e externo.

LITERATURA CITADA

GONÇALVES, J. S. **Mudar para manter**: pseudomorfose da agricultura brasileira. São Paulo: SAA, 1999. 373 p.

PAIVA, R. M. et al. **Setor agrícola do Brasil**. São Paulo: IEA, 1973. 450 p.

DINAMISMO SETORIAL E CRESCIMENTO DA RECEITA AGROPECUÁRIA PAULISTA NO QÜINQUÊNIO 1999-2003

RESUMO: O trabalho mostra que o valor da produção da agropecuária paulista cresceu de forma persistente no período 1999-2003, evoluindo 7,00% entre 1999 e 2000 (R\$18,4 bilhões para R\$19,7 bilhões), mais 10,73% entre 2000 e 2001 (R\$19,7 bilhões para R\$21,7 bilhões), mais 10,95% entre 2001 e 2002 (R\$21,7 bilhões para R\$24,1 bilhões) e mais 2,51% entre 2002 e 2003 (R\$24,1 bilhões para R\$24,7 bilhões), com variação acumulada de 34,83% em todo quinquênio 1999-2003. Assim, há uma evolução significativa de 34,83%, com a riqueza dessa economia monetária da produção rural, crescendo de R\$18,4 bilhões para R\$24,7 bilhões, sem contar os efeitos multiplicadores desse processo nos demais elos das cadeias de produção setoriais. Verificam-se efeitos positivos sobre o emprego e a receita, enquanto substituição de pastagens no caso da cana e de integração lavoura-pecuária no caso dos grãos e fibras. Fruto da conjuntura econômica nacional com pressão pela redução do consumo e da pequena inserção competitiva externa, as frutas frescas e as olerícolas, relevantes opções estruturantes, cresceram menos que a média estadual e, com isso, contribuíram para a concentração da receita gerada na ótica das cadeias de produção, com a preponderância dos agronegócios de escala, que são competitivos no plano interno e externo.

Palavras-chaves: receita agropecuária, crescimento econômico, cadeias de produção.

SAO PAULO STATE AGRICULTURAL DYNAMISM AND REVENUE GROWTH THE 1999-2003 QUINQUENNIUM

ABSTRACT: This work shows that the agricultural production value experienced steady growth over 1999-2003: from 7,00% between 1999 and 2000 (R\$18,4 billion to R\$19,7 billion), plus

10,73% between 2000 and 2001 (R\$19,7 billion to R\$21,7 billion), plus 10,95% between 2001 and 2002 (R\$21,7 billion to R\$24,1 billion) and plus 2,51% between 2002 and 2003 (R\$24,1 billion to R\$24,7 billion), with a 34,83% of accumulated variation over the 1999-2003 quinquennium. A significant evolution of 34,83% was thus verified, and the wealth of this monetary economy of the rural production increased from R\$18,4 billion to R\$24,7 billion, not including the positive multiplying effects of this process on the remaining links of the sectoral production chains. Positive effects were found in employment and revenue because of the replacement of pastures, in the case of sugar cane, and the agriculture-cattle raising integration, in the case of grains and fibers. Brazil's economic conjunction demanding consumption decrease and a low competitive insertion into the international arena caused fresh fruit and vegetable crops, relevant structuring options, to grow less than the state's average, thereby contributing to the concentration of revenue generated by production chains. Scale agro-businesses prevailed, once they are internally and externally competitive.

Key-words: agriculture and cattle raising revenues, economic growth, production chains.

Recebido em 21/09/2004. Liberado para publicação em 05/10/2004.

Informações Econômicas, SP, v.35, n.1, jan. 2005.